

Cleber
Mayakovski | Oto Brik | Sklovski
Pasternak
Tuzianov



Elsa Triolet | Lili Brik

MOSCOU, ANOS 20
DESTERRO, ANOS 80

Seminário Noa Noa: Interloquções com Cleber Teixeira
22 de maio de 2025 | Sala Drummond | CCE | Bloco B | UFSC

NELIC
núcleo de
estudos
literários &
culturais



fapesc
Fundação de Amparo à
Pesquisa e Inovação do
Estado de Santa Catarina



14 hs. ABERTURA: Maria Elisabeth de Quadros Pereira Rego

(Instituto Casa Cleber Teixeira)

14:30 / 15:30 hs. Mesa 1

Dennis Radünz | Compor a vida, dessortear os tipos

A poética citacional de Cleber Teixeira evoca o Trovadorismo medieval, recompondo-o por 36 anos como escrita de si no livro-em-curso *Armadura, espada, cavalo e fé*. Essa “conversação” de feição sapiencial, no entanto, é denegada em *Noite negra* (1982), o poema-cartaz em que os tipos (as letras), usualmente organizados por sortes (séries de tipos nas caixas de tipografia), apresentam um discurso gráfico em assímbolia e desordem. Por que, nessa autodeclaração, o poeta dissona e “dessortea os tipos”?

Katherine Funke | Notas sobre *Algumas cartas e trechos dos diários* (1988)

A Noa Noa foi a primeira editora a trazer para o Brasil o material das cartas e dos diários de Katherine Mansfield (1888-1923). Publicado em 1988, o volume de bolso *Algumas cartas e trechos dos diários*, com tradução de Rosaura Eichenberg, revela uma escritora que também é leitora crítica, pensadora da técnica literária e artista atenta à interação da literatura com outras linguagens, como a música e a pintura. A comunicação compartilhará dados coletados em entrevista por telefone com a tradutora, que mora no Rio de Janeiro, e abordará a colaboração de Cleber Teixeira à circulação da obra de Mansfield no Brasil e na América Latina.

Renato Coffy | Da estante à rama. Como organizar/ler a biblioteca de Cleber Teixeira

Em 2023, tive a oportunidade de participar do projeto de extensão “Organização e Preservação de Acervos: Editora Noa Noa”. Nesta ocasião, atuando principalmente no sentido de mapear, organizar e catalogar parte da biblioteca de Cleber Teixeira, em especial as seções “Livros sobre livros” e “Tipografia”, procurei, entretanto, estabelecer algumas correlações entre a particular disposição da biblioteca pessoal do poeta-editor-tipógrafo e sua poética de composição tipográfica. Assim, também em consonância com as concepções de Roberto Calasso em *Como organizar uma biblioteca* e Georges Didi-Huberman em *Atlas ou o Gaió saber inquieto*, pretendo compartilhar algumas percepções relacionadas a minha experiência de leitura desse espaço do universo de Cleber Teixeira.

15:30 / 16:30 hs. Mesa 2

Tina Merz | TipOgRafiA da NoA nOa, DeSTerRO, 1454

O projeto da editora Noa Noa carrega um interesse na mesma medida, entre a literatura e as artes gráficas, mais precisamente pela tipografia, e mais, pela composição de caixa, uma pequeníssima gráfica que mais se assemelhou às oficinas do século XV do que às que conhecemos hoje. Não é por acaso, que Cleber elegeu esse método de impressão em pleno século XX, ao compor o próprio texto, com as letras em mãos, se alonga como autor-editor, o próprio processo da escrita. Nesta fala, se atentará ao projeto gráfico das edições, que partem desta escolha anacrônica, em grande parte influenciadas pela admiração que possuía pelo editor, tipógrafo e livreiro italiano Aldus Manutius (1449-1515).

Joaquín Correa | Materiais

Em 13 de abril de 1965 foi publicado, no Folhetim do "Jornal do Comércio", "A lição de Cleber Teixeira (I)", um texto sobre o primeiro livro editado pela Noa Noa, com tiragem de 50 exemplares, manuscritos, assinado por Walmir Ayala. Esse é o primeiro texto que o ICCT conserva no seu acervo de matérias publicadas sobre Cleber Teixeira e a Editora Noa Noa. No decorrer dos anos, numerosos textos apareceram na imprensa, resenhas, retratos, perfis, entrevistas, polêmicas. Nesse primeiro texto de 1965 aparece muito do que será escrito a posteriori. A figura do editor-tipógrafo poucas vezes é invisibilizada nos comentários sobre os livros. A presente comunicação persegue, na leitura dessas matérias, o fantasma que perseguiu, no seu trabalho, fantasmas.

Demetrio Panarotto | Os poemas de Cleber

Os poemas de Cleber falam sobre o modo como a poesia se fez voz no espaço da vida. Cleber Teixeira se dizia cidadão de outro tempo, as referências na escrita do texto se montam nesse emaranhado de possibilidades - poesia provençal, trovadoresca, elementos da poesia oriental, entre outros, - que constroem, com afetividade, o diálogo com o espaço da casa, da biblioteca, da sala tipográfica.

17:00 / 18:00 hs. Mesa 3

Cristiano Moreira | Cleber Teixeira: o cálculo a serviço da paixão

O interior de uma oficina tipográfica é um território onde o editor tipógrafo Cleber Teixeira diz lutar pelo chão e pelo verso. Neste rito editorial no qual se consigna, realiza uma performance com a materialidade do texto. A tipografia exige o cálculo, a medida exata de vila em linha reta, ponto a ponto para a composição das matrizes na dureza do tipo, do chumbo, para com este rigor, erigir uma instalação, uma enxertia impressa no tímpano da máquina e do sujeito e a partir destes contatos, elevar-se como voluta ígnea, fundindo as imagens do poema, a imagem dialética que pode reverberar como trovão ao longo dos tempos. A partir da especulação da Gestalt como composição via Phillippe Lacoue-Labarthe e das reflexões benjaminianas a respeito da faculdade mimética, a intenção inscrita neste percurso é perceber a cena da tipografia como espaço de signos para gerar semelhanças, como performance mimológica na partilha do sensível.

Patrícia Galelli | O que se pode encontrar dentro de um livro: vestígios na coleção do bibliófilo Cleber Teixeira

Seguindo o mesmo procedimento de busca por sinais do gesto leitor de Cleber Teixeira (1938-2013) pelo qual movi a pesquisa que resultou no texto *Fabular os sinais, ler a carta inacessível* – no projeto "Livros sobre livros de Cleber Teixeira" (2021-2022), com Dennis Radünz e Tina Merz – esta comunicação procura enfatizar o Cleber bibliófilo. A paixão pelos livros que faz ampliar coleções, mas também a paixão pela leitura e os sinais que fazem entrever as suas escolhas. Esta breve incursão sobre o que se pode encontrar dentro de um livro de sua biblioteca pessoal perpassa alguns desses encontros sinalizados por bilhetinhos, recorte de jornal e autógrafos.

18:00 / 19:00 hs. Projeção de filme

Rosana Cacciatore (Direção e roteiro) e Marina Moros (Produção) | *Cleber e a máquina*

O tipógrafo-editor e poeta Cleber Texeira aceita o desafio de recuperar uma impressora tipográfica fabricada no século XIX que permaneceu em silêncio cerca de 30 anos. Este acontecimento e os depoimentos de pessoas com quem Cleber compartilhou a vida e o trabalho constroem uma narrativa que permite o desvendamento do mundo do artista. Com depoimentos, entre outros, de Augusto de Campos, Raúl Antelo, Vitor Ramil.

19:00 / 20:00 hs.

Raul Antelo | Vento, vela, vagas ondas

“Vento, vela, vagas ondas”. Assim definia Cleber Teixeira o “silêncio oco” de uma “madrugada no mar” (*Oito poemas*, 1980). O instante mais escuro (a madrugada), que precede a clareira do amanhecer. Lusco-fusco. Uma sensibilidade liminar, comum a dois, tanto à noite quanto ao dia. Da mesma maneira opera o livro. Ele também é reversível: abre-se e fecha-se, feito um leque. O livro estampa o caráter de uma voz, assim como a tipografia estampa uma modulação vocal de uma palavra. No livro, a obra nunca está presente para si. O Livro, o livro total de ressonâncias místicas ou cabalísticas, esse que vai dos românticos alemães a Mallarmé, para, a seguir, ser transmitido às vanguardas do século 20, dentre elas, aos formalistas russos, aos quais Cleber era tão afeito, esse Livro irrealizado, mas transformado no nome de um desejo de obra total, com a qual tudo poderia ser dito, é o horizonte da escritura teórico-reflexiva do fim de século (Barthes, Derrida, Nancy), bem como de seu desejo de *i-limitar* a literatura e a utopia de um comunismo escriturário.

A Editora Noa Noa, instalada em Florianópolis desde 1977, trabalha com tipos móveis e máquina tipográfica de alimentação manual. Luta-se em sua oficina pela preservação da mais nobre e bela maneira de multiplicar um texto: a tipografia. Na oficina da Noa Noa o texto é montado letra por letra. Dos bem organizados compartimentos das gavetas os tipos são levados ao componedor num trabalho exaustivo mas gratificante que tenta resgatar e divulgar o melhor da poesia universal e tornar público o novo ainda desconhecido.

O texto tipográfico procura resgatar uma prática quase desaparecida: a estreita convivência da gravura com a tipografia, prática bastante comum até as últimas décadas do século XX, quando os processos de composição e impressão se tornaram mais acessíveis e criaram a falsa ideia que a tipografia e a gravura eram processos obsoletos, arquivados. Se a tipografia e a gravura são vistos apenas como processos multiplicadores de originais é natural considerá-los arquivados. Mas sabem todos que se interessam pelas artes gráficas, os leitores, os bibliófilos e os colecionadores de arte que eles são mais do que isso. A arte da tipografia, com tudo que precede a composição e a impressão (desenho, fundição dos tipos, projeto gráfico, etc.) tem vida longa e cabe a cada um que sabe disso resistir e ajudar a promover uma estreita convivência com os designers gráficos de hoje.

— Cleber Teixeira, Editor